

CRISE ECONÔMICA PANDÊMICA E GLOBAL: NEBLINA NO HORIZONTE¹

PANDEMIC AND GLOBAL ECONOMIC CRISIS: MIST IN THE HORIZON

José A. Tapia Granados²

<https://orcid.org/0000-0003-4101-1024>

Resumo:

É impossível saber se uma crise econômica global teria ocorrido em 2020 sem a pandemia COVID-19, embora muitos dados sugiram isso. Também não é possível prever em que medida essa crise afetará cada país, quanto tempo ela vai durar e até que ponto o provável declínio da pandemia será capaz de reativar a economia em 2021. Em 2020, houve contrações significativas no Produto Interno Bruto (PIB) em muitos países (por exemplo, nos EUA 3,5%, no Japão 5,3%, na Índia 10,2%, na Rússia 3,1%); na China, o PIB cresceu a uma taxa minúscula (2,3%) em relação aos anos anteriores. Tudo isso mostra esta crise como aquela sem precedentes desde a Grande Depressão de 1929. Resta saber se a economia reagirá ao estímulo de trilhões de dólares aprovados nos Estados Unidos, de um tamanho muito grande em comparação com os gastos públicos em outras ocasiões, ou se entrará em uma crise inflacionária como temem alguns economistas. A crise econômica associada à pandemia tem características únicas e as previsões econômicas, sempre arriscadas, nesta ocasião o são ainda mais. O primeiro ano da pandemia mostrou que a infecção afeta mais os homens do que as mulheres e é mais provável que seja fatal quanto mais velho o paciente é e quando há doenças crônicas pré-existentes. Como essas doenças têm um gradiente social e, uma vez que o COVID-19 afeta menos aqueles com maior nível de renda e que vivem menos aglomerados, ou com melhores empregos que permitem teletrabalho, a mortalidade pandêmica também tem um gradiente por classe social e grupo étnico e, portanto, nos EUA a mortalidade tem sido significativamente maior entre afro-americanos, latinos e a população ameríndia. Com diferenças provavelmente não muito importantes entre os países, a taxa de letalidade, ou seja, a proporção daqueles que morrem e aqueles que adoecem será quanto menor o nível de renda dos pacientes, e assim a pandemia contribuirá para a manutenção e aumento das desigualdades na saúde. As vacinas estão sendo distribuídas no mundo basicamente de acordo com a capacidade de pagamento dos países e de cada país o favoritismo e as conexões muitas vezes prevalecem na vacinação sobre o critério epidemiológico para minimizar as mortes. Se uma coisa é clara entre as muitas incógnitas que o momento atual levanta, é a necessidade de apoiar aqueles que abrem alguma perspectiva para o futuro, sejam os manifestantes pró-democracia de Mianmar ou Hong Kong, os agricultores lutando por sua sobrevivência contra os grandes interesses

¹ Traduzido por: Hajime Takeuchi Nozaki – Universidade Federal de Juiz de Fora. Contato: hajimenezaki@uol.com.br

² Professor de Ciência Política na Universidade Drexel, na Filadélfia, EUA.

comerciais na Índia, ou aqueles que protestam contra o racismo, a repressão, corrupção e os abusos governamentais ou policiais na Rússia, na Nigéria, na Nicarágua, no Paraguai, nos Estados Unidos ou em qualquer país do mundo.

Palavras-chave: crise econômica mundial; 2020; pandemia da COVID-19.

Abstract:

It is impossible to know if a global economic crisis would have occurred in 2020 without the COVID-19 pandemic, although much data suggest so. Nor is it possible to predict to what extent this crisis will affect each country, how long it will last and to what extent the probable decline of the pandemic will be able to reactivate the economy in 2021. In 2020 there were significant contractions in the gross domestic product (GDP) in many countries (for example, in the US 3.5%, in Japan 5.3%, in India 10.2%, in Russia 3.1%); In China, GDP grew at a minuscule rate (2.3%) compared to previous years. All this shows this crisis as unprecedented since the Great Depression of 1929. It remains to be seen whether the economy will react to the stimulus of trillions of dollars approved in the United States, of a very large size compared to public spending on other occasions, or if it will enter an inflationary crisis as some economists fear. The economic crisis associated with the pandemic has unique characteristics and economic predictions, always risky, on this occasion are even more so. The first year of the pandemic has shown that the infection affects men more than women and is more likely to be fatal the older the patient is and when there are preexisting chronic diseases. As these diseases have a social gradient and since COVID-19 affects less those with a higher income level who live less crowded, or better jobs that allow telework, pandemic mortality also has a gradient by social class and ethnic group and thus, in the US mortality has been significantly higher among African Americans, Latinos and the American Indian population. With probably not very important differences between countries, the case fatality rate, that is, the proportion of those who die among those who become ill, will be the higher the lower the income level of the patients, and thus the pandemic will contribute to maintaining and increasing inequalities in health. Vaccines are being distributed in the world basically according to the ability to pay of countries and within each country favoritism and connections often prevail in vaccination over the epidemiological criterion of minimizing deaths. If one thing is clear among the many unknowns that the present moment raises, it is the need to support those who open some perspective for the future, be it the pro-democracy protesters of Myanmar or Hong Kong, the farmers fighting for their survival against the big commercial interests in India, or those who protest against racism, repression, corruption and governmental or police abuses in Russia, Nigeria, Nicaragua, Paraguay, the United States or any country in the world.

Keywords: World economic crisis; 2020; COVID-19 pandemic.

Estimativas preliminares de várias fontes indicam que a contração de muitas economias nacionais durante 2020 tem sido equivalente ou significativamente maior do que a contração da Grande Recessão que começou em 2008. O Produto Interno Bruto (PIB) da economia dos EUA sofreu uma contração de 2,5% em 2009 e 3,5% em 2020. A taxa de crescimento do PIB do Japão, que foi de -5,4% em 2009, foi de -5,3% em 2020 e as respectivas taxas em 2020 foram na Alemanha -6,0%, na França -9,8%, na Espanha -11,0%, na Índia -10,2%, na Rússia -3,1% e na Austrália -6,7%. Esses números nos países com peso específico significativo na economia mundial revelam uma contração econômica muito profunda, em muitos casos sem precedentes desde a Grande Depressão de 1929. Somente a China teve em 2020 crescimento positivo do PIB, 2,3%, uma taxa de crescimento quase minúscula em comparação com o crescimento de dois dígitos que a economia chinesa teve nos anos que antecederam a Grande Recessão.

A pandemia coronavírus empurrou a economia mundial para um precipício de processos insustentáveis que já estavam se difundindo em 2019. Nunca saberemos se a economia mundial entraria em crise em 2020 se a pandemia não tivesse começado, mas os ganhos empresariais estavam caindo e a dívida privada atingiu níveis recordes, mesmo acima dos vistos antes de 2008. Mas, desta vez, a dívida é principalmente corporativa, não uma dívida familiar hipotecária. É claro que isso se refere às principais economias do mundo, não apenas à deste ou daquele país. Deve-se ressaltar que, como em 2008, estamos enfrentando uma crise econômica global.

As políticas keynesianas, ou seja, as intervenções para estimular a economia, só têm um efeito manifesto quando são massivas, por exemplo, quando a economia de livre mercado dos EUA foi transformada em poucos meses em uma economia em grande parte planejada, liderada pelo Estado, nos primeiros meses de 1942. Foi quando o desemprego maciço da grande depressão acabou. Porque mesmo no final da década de 1930, após anos de políticas do New Deal, o desemprego permaneceu em níveis muito altos. Entre o início da Grande Depressão em 1929 e a Segunda Guerra Mundial, a taxa de desemprego atingiu dois picos nos EUA, um em 1933, quando o desemprego atingiu seu máximo histórico de 24,9%, outro na chamada recessão de Roosevelt, em 1938, quando o desemprego atingiu 19,0%. Mas ainda estava em 9,9% em 1941, quando a Segunda Guerra Mundial estava devastando a Europa por dois anos, e a Ásia e os EUA, ainda não beligerantes, começaram a aumentar significativamente seus preparativos militares. Foi somente após o ataque japonês a Pearl Harbor, em dezembro de 1941, que o governo dos EUA colocou metade da economia do país sob seu controle para atender às necessidades militares e a taxa de desemprego caiu drasticamente para 4,7% em 1942.

Tudo parece indicar que a depressão da economia mundial de 2020 se confirmará como a mais importante crise econômica global desde a Segunda Guerra Mundial, mas, no momento, é praticamente impossível prever até que ponto essa crise econômica afetará cada economia nacional, por quanto tempo a crise se prolongará e até que ponto o provável, mas inseguro declínio da pandemia pela vacinação em massa e medidas de saúde pública, será capaz de estimular a atividade econômica ao longo de 2021. A proposta de Joe Biden para um estímulo econômico de US\$ 1,9 trilhão foi aprovada pelo Congresso e pelo Senado dos EUA. Trata-se de uma despesa enorme em comparação com os estímulos de gastos públicos implementados em outras ocasiões. Resta saber se a economia dos EUA vai reavivar com esses gastos, como Paul Krugman e outros

keynesianos como ele esperam, ou entrará em uma crise inflacionária como temem Gregory Mankiw e outros economistas, também keynesianos ou neokeynesianos. A atual “ciência econômica” está longe de ser capaz de dar uma resposta com algum grau de segurança a tais questões. A crise econômica associada à pandemia COVID-19 tem características únicas e se as previsões econômicas são sempre arriscadas, nesta ocasião o são ainda mais, devido à complexidade associada à conexão da crise econômica com a pandemia. Seja qual for o efeito macroeconômico das políticas agora propostas, não há dúvida de que medidas para proteger os baixos rendimentos dos efeitos do desemprego devem ser aplaudidas. Essas medidas darão alguma proteção aos mais vulneráveis da sociedade, muitos deles agora desempregados e sem perspectivas, além de serem clausurados por meses em moradias superlotadas.

Após um ano de pandemia COVID-19 sabemos que a infecção afeta mais os homens do que as mulheres e, ao contrário da pandemia de 1918 que concentrou suas vítimas entre adultos jovens saudáveis, esta pandemia é mais grave e mais letal quanto maior for a idade do paciente e quando se possui doenças crônicas anteriores. Mas essas doenças têm um gradiente social, são mais frequentes à medida que se desce a escala de status socioeconômico, por exemplo, pelo nível de renda, escolaridade ou qualificação profissional. Nos níveis de renda baixos são mais frequentes o tabagismo e as doenças respiratórias crônicas, muitas vezes em decorrência de exposições ocupacionais; alcoolismo, obesidade, pressão alta e diabetes também são mais comuns. Essas doenças crônicas tornam a infecção por COVID-19 mais grave e mais letal. Espera-se então que o COVID-19 afete menos aqueles com melhores empregos ou rendas mais altas que também vivem menos amontoados e geralmente têm menos doenças crônicas. Esse grupo de menor renda também é o que mais frequentemente tem empregos (no setor de serviços, na construção civil ou na indústria) que não permitem teletrabalho e exigem lidar com pessoas e, portanto, têm mais exposição potencial ao contágio. Em países como os EUA, onde não há sistema nacional de saúde e esta é basicamente privada, a assistência médica é ainda pior para aqueles abaixo da escada social, os trabalhadores da economia informal, os imigrantes sem documentação. A mortalidade pandêmica está sendo consideravelmente maior entre afro-americanos, latinos e a população ameríndia. O mais provável e com diferenças não muito grandes de um país para outro é que a taxa de letalidade, ou seja, a proporção daqueles que morrem entre aqueles que adoecem, será tanto maior quanto menor seja o nível de ingresso dos pacientes. Como esperado, essa pandemia está afetando menos aqueles que se encontram acima da escala social e, portanto, ajudará a manter e aumentar as desigualdades da saúde. As vacinas estão sendo distribuídas em todo o mundo basicamente em função da capacidade de pagamento dos países e dentro de cada país a vacinação é frequentemente feita de acordo com critérios em que o favoritismo e as conexões prevalecem sobre critérios epidemiológicos que buscam minimizar as mortes pelo vírus. Uma incógnita é se a extensão da rejeição das vacinas por desinformação e medo de serem submetidos a experimentos pelo governo pode ser suficiente para comprometer a eficácia da vacinação, que só gerará imunidade coletiva suficiente para estrangular a pandemia se atingir uma proporção suficientemente alta da população. Infelizmente, tanto os temores das vacinas quanto o ceticismo de grandes setores da população à necessidade de lidar com as mudanças climáticas têm mostrado nos últimos anos que a atual opinião pública se alimenta de fontes muitas vezes altamente contaminadas por uma espécie de superstição moderna em que não há mais bruxas ou maldições, mas grupos conspiradores que inventam dados, promovem teorias ou manipulam eleições. As dezenas de milhões de eleitores de Donald Trump são o exemplo mais óbvio dessa superstição

moderna que, com certeza, com outras formas políticas e culturais, existe em maior ou menor grau em todos os países.

As estatísticas econômicas de 2020 conhecidas ainda não permitem um diagnóstico claro da evolução das principais variáveis econômicas, como os lucros empresariais. Mas tudo parece indicar que os lucros monumentais de algumas empresas como Amazon ou Apple não compensam de forma alguma as perdas também monumentais de muitas empresas que são provavelmente a maioria. Em 28 de fevereiro, o *The New York Times* noticiou o resultado da Berkshire Hathaway, o conglomerado empresarial liderado por Warren Buffett, cujo valor estimado é de cerca de meio trilhão de dólares (note que o que é chamado de *one trillion* em inglês é *un billón* em espanhol). Um dos aspectos mais característicos do que a Berkshire Hathaway fez em 2020 é a aquisição de grandes quantidades de suas próprias ações de capital aberto. Isso que é, em curto prazo, uma forma de aumentar o valor da empresa, revela, por outro lado, que são escassas as oportunidades de aquisição de outras empresas rentáveis ou de investimento direto em atividades produtivas com boas perspectivas de lucro.

Em quase todos os países, uma parcela significativa da população hoje ganha sua renda com contratos “negros”, trabalho por conta própria e toda a economia informal, que no segundo e terceiro trimestres de 2020 desmoronou como um castelo de cartas devido às medidas de isolamento e distanciamento para conter a pandemia. Centenas de milhões de empregos formais e informais foram perdidos em todo o mundo durante 2020. Com algumas exceções e pequenas diferenças, desde as últimas décadas do século passado, tanto nas economias avançadas quanto nos países da periferia as forças políticas vêm modificando as regulamentações do mercado de trabalho, geralmente em direção a condições de emprego mais desregulamentadas e precárias. Em nosso sistema de livre iniciativa, a maioria dos empregos não depende da necessidade social, mas da capacidade daqueles que possuem ativos para obter lucro e é por isso que as proteções sociais são frequentemente eliminadas (porque criam “rigidez no mercado de trabalho”) quando interferem na capacidade do dinheiro para produzir mais dinheiro, ou seja, na acumulação de capital. Essa é a tendência geral sob o capitalismo. Quando os mercados de trabalho são mais formais e mais regulados, há alguma proteção temporária contra o desemprego imediato. Após o primeiro trimestre de 2020, em países onde ainda há instituições do estado de bem-estar social, muitos milhões caíram nas fileiras daqueles protegidos pelo seguro-desemprego, que em muitos outros países especialmente na periferia, é escasso ou inexistente. Tudo indica que uma fração significativa da população mundial viveu ou viveu mal durante 2020 da renda fornecida pelo Estado, que de outra parte foi privado também pela crise de grande parte de sua arrecadação de impostos. As dívidas públicas estão subindo em todos os países para níveis impensáveis há alguns anos. Até onde a corda pode ser esticada, é difícil dizer. Paul Krugman escreveu muitas vezes nos últimos meses sobre a necessidade de não se assustar de uma dívida pública equivalente a 100% do PIB ou até mesmo muito maior. Por outro lado, os economistas assustados com o nível dessa dívida por enquanto não proclamam seus medos com demasiada força.

A pandemia que começou no final de 2019 e se tornou generalizada nos primeiros meses de 2020 causou mais de dois milhões e meio de mortes em meados de março de 2021, dos quais cerca de 600.000 foram nos EUA. É muito duvidoso se as perspectivas promissoras de disponibilidade de vacinas em termos de erradicação da epidemia se confirmarão ou não. A pandemia demonstrou a incapacidade dos governos de coordenar uma resposta no nível da saúde

pública que deve necessariamente ser mundial, porque a pandemia continuará enquanto houver reservatórios populacionais nos quais não haja imunidade de grupo. Por outro lado, uma incógnita adicional é o surgimento de cepas virais de maior contagiosidade e para as quais não há certeza de que as vacinas atuais serão válidas. Os quase 8 bilhões de nós que compõem a população mundial enfrentam tempos difíceis. O sistema econômico e político mundial baseado na produção com fins lucrativos e os estados nacionais governados por elites mais ou menos reacionárias, mas sempre defensores de seu poder e do *status quo*, mostrou de sobra sua incapacidade de lidar com os problemas do século 21. Será que nosso planeta Terra evoluirá para desastres sociais, epidemiológicos e ecológicos cada vez piores, ou talvez em direção a uma Terceira Guerra Mundial que colocará um ponto final nessa civilização? Será que a humanidade será capaz de se organizar de uma forma mais alinhada com seus interesses gerais? Infelizmente, os últimos anos também parecem demonstrar uma enorme inércia e uma grande incapacidade humana de conter os processos descontrolados que, sob o controle das elites econômicas e políticas, valorizam a redundância, nos levam ao abismo. De todas as formas, se uma coisa é clara no marasmo de hoje, é a necessidade de apoiar aqueles que abrem alguma perspectiva futura, sejam os manifestantes pró-democracia de Mianmar ou Hong Kong ou agricultores hindus que lutam por sua sobrevivência diante de grandes interesses comerciais, ou quem protesta contra o racismo, a repressão, a corrupção e os abusos governamentais ou policiais na Rússia, Nigéria, Paraguai, EUA ou qualquer país do mundo.